

## John Newton

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 8

1 Crônicas 17

### Introdução

Seu apelido era “O Grande Blasfemador,” às vezes chamado de “O Blasfemador Africano.” Ele nasceu em Londres, Inglaterra, em 1725. Seu pai era um capitão descrente que conduzia um navio mercante próspero. Sua mãe, por outro lado, era uma mulher piedosa que vivia uma vida dedicada a treinar seu filho. Seu currículo predileto era o livro de Isaac Watts, intitulado: “Proteções contra os Pecados e Tolices da Juventude.”

Logo cedo na vida, seu filho, John Newton, já podia citar decorado e cantar os hinos que Isaac Watts havia escrito especialmente para crianças. Dentre esses corinhos, estava o seguinte:

*Por que me juntaria aos que saem para brincar,  
nos quais não tenho satisfação;  
que xingam e não sabem orar,  
nos quais há só blasfêmia e dissensão?!*

Entretanto, a tragédia chegou cedo. Quando John Newton tinha apenas 7 anos de idade, sua mãe morreu. Quando seu pai voltou de uma de suas viagens, recasou-se e descobriu que a nova esposa não queria saber do menino pequeno. Então, John Newton foi mandado para morar no internato de uma escola, no qual o pai de dormitório aterrorizou sua vida. Finalmente, seu pai entrevistou e levou John

para morar com ele no navio quando ele tinha 11 anos. Após muitas jornadas no mar e a influência ímpia ao seu redor sobre seu espírito maleável, as lições de sua mãe foram rapidamente esquecidas. Quando John Newton estava com 16 anos, sua obscenidade e perversidade igualavam às dos marinheiros ao seu redor. No futuro, ele escreveria sobre aqueles dias de impiedade: “Enxergava com frequência a necessidade da religião como um meio de escapar do inferno, mas eu amava o pecado e não estava disposto a deixá-lo.”<sup>2</sup>

Quando tinha 17 anos, seu pai decidiu que viajaria para a Índias Ocidentais e passaria a administrar uma plantação jamaicana que pertencia a um de seus amigos. A plantação era operada por escravos africanos e seu pai imaginou que, dentro de 5 anos, John já estaria fazendo uma pequena fortuna administrando a plantação.

Mas uma semana antes de partir, alguns amigos chegados de sua mãe falecida o convidaram para passar um tempo com eles. Quando chegou, logo encontrou um segundo lar e uma família, bem como uma afeição de mãe da qual mal se lembrava de seus dias de infância.

A filha mais velha do casal, Mary, tinha 14 anos e John se apaixonou totalmente por ela. Ele escreveria que ela era doce e engraçada. Ela

provavelmente não sabia dos sentimentos dele porque ele ficava paralisado quando ela aparecia na frente dele.

John gostou tanto de seu tempo com ela e sua família que jamais mencionou que precisava ir embora para embarcar num navio para a Jamaica. Na verdade, ele perdeu o navio de propósito. É claro, seu pai ficou furioso com isso e exigiu que ele tomasse outro navio, dessa vez para a Itália. Durante a viagem, cercado por um ambiente terrivelmente pagão e pela primeira vez sem seu pai, John aprofundou ainda mais o ódio que tinha para com Deus. Ao mesmo tempo, só conseguia pensar em Mary.

Apesar de John odiar religião e não querer saber de Deus, o Senhor obviamente o protegeu de muitos pecados da carne. Um biógrafo escreveu que, quando o navio aportava em cidades e prostitutas eram secretamente levadas a bordo para os marinheiros, John subia no mastro e se escondia lá em cima.

Quando voltou para Londres depois dessa viagem de um ano, seu pai já tinha planejado outro serviço para ele num outro navio mercante. Mas John tinha poucos dias para voltar à casa de Mary, a fim de desfrutar da excelente hospitalidade de sua família e ver Mary, é claro. Novamente, ele perdeu a viagem de propósito e o navio partiu sem ele.

Mas, dessa vez, as coisas não deram tão certo. Quando voltou para Londres, seu pai estava furioso com ele. E enquanto ele esperava outro serviço, John aconteceu de estar no lugar errado, na hora errada.

A indústria naval nessa época era primitiva, suja e desumana no tratamento da tripulação. Mas nada era mais desumano do que a Marinha Real; ela era tão ruim que nunca conseguiu encher navios de

combate com voluntários. Por isso, a polícia fechava os olhos para gangues que saíam pelo país para sequestrar jovens rapazes e obriga-los a servir na Marinha. E, dessa vez, a gangue aconteceu de pegar John Newton.

John passou a servir com criminosos condenados provenientes de cadeias inglesas que tinham recebido a escolha de ou serem enforcados, ou servirem em navios de guerra britânicos. O fedor dos aposentos, a comida mal feita, a violência de colegas desesperados e a tirania dos oficiais eram insuportáveis.

Seu pai descobriu o que aconteceu e escreveu para o capitão do navio, o qual concordou de promover John para oficial. Sua situação melhorou instantaneamente. Ele escreveu que começou a gostar da vida no mar; tinha boca suja e era ateu como os demais criminosos e oficiais dali, mas um objetivo nunca tinha saído de sua cabeça: ele queria ganhar a mão de Mary Carlett.

Após uma jornada curta, John descobriu que seu navio navegaria para a Índia e para as Índias Orientais e que passaria 5 anos longe. Ele tinha somente um dia de folga para vê-la, pedir ao pai de Mary a mão dela em casamento e informa-la de seus sentimentos. A essa altura, ela tinha 15 anos. Se você é pai, com certeza está pensando: “É claro! 15 anos já tem idade suficiente para se casar!” E John tinha 19.

A visita de John foi desastrosa. O pai de Mary negou seu pedido. Os pais queriam que a filha se casasse com um homem com um futuro melhor; eles até proibiram John de vista-los novamente e de se corresponder com ela. Mary, porém, parecia indecisa. Como ele poderia ir embora sem saber a resposta dela? Em desespero, ele pulou do navio e abandonou a Marinha. Ele tinha que ficar e descobrir quais sentimentos ela tinha.

Dentro de poucos dias, ele foi capturado novamente e devolvido ao navio, dessa vez aprisionado. Dois dias depois, todos os 350 tripulantes foram reunidos no convés para testemunhar a corte marcial de John e seu açoitamento. Ele recebeu 96 açoites, um castigo tão violento que até um membro veterano desmaiou.

John perdeu sua patente e foi humilhado; agora é que os pais de Mary não reconsiderariam sua proposta de casamento. Ele foi acorrentado no convés inferior e ali, tomado de fúria, ele começou a planejar um jeito de assassinar o capitão e pular do navio, mesmo que resultasse em sua morte. Posteriormente, ele escreveria: “Foi a mão invisível de Deus que me seguiu.”<sup>3</sup>

Dezenove dias depois, eles se encontraram com um navio a caminho das Índias Ocidentais que precisava de mais um membro na tripulação. O capitão prontamente forneceu John Newton.

A bordo desse navio, John soltou o controle de sua boca suja, seu espírito insubordinado, seu ódio para com Deus e seu amor para atormentar qualquer pessoa que parecia se interessar em religião.

Um rico mercador da África Ocidental estava a bordo do navio e convenceu John de que ele conseguiria uma fortuna e a mão de Mary em casamento se seguisse seus passos. John concordou e ambos desembarcaram na plantação do homem rico numa ilha próxima ao litoral da África Ocidental. A amante do homem, uma africana, logo decidiu que não gostava de John Newton. Não demorou muito até que John caiu de febre e não pôde acompanhar o mercador na viagem seguinte. John foi deixado sob os cuidados da amante do mercador, a qual já tinha decidido que o deixaria morrer.

John escreveu em seu diário: “Tinha muita

dificuldade para conseguir um copo de água enquanto queimava de febre. Minha cama era um tapete aberto sobre uma tábua e um pedaço de pau era meu travesseiro. Às vezes quando ela estava de bom-humor, ela mandava um escravo me trazer seu prato com o resto de comida que ela tinha jantado.”<sup>4</sup>

Ele ficou definhando nessa ilha por um ano; conforme ele mesmo disse, “um escravo dos escravos.” Com isso, ele passou a odiar Deus ainda mais; ele tinha sido abandonado e não havia motivo para viver. Ele contou que, se não tivesse sido por alguns escravos da plantação que tiveram pena dele e lhe deram comida escondido do dono, ele teria morrido de fome.

Mas, daí, como era de se imaginar, um navio ancorou próximo à sua ilha após ver uma coluna de fumaça. Alguns homens desceram a terra e perguntaram aos moradores: “Vocês ouviram falar de um homem branco chamado John Newton?” Os homens tinham sido enviados pelo pai de John. Isso foi em 1747; John nem tinha 21 anos ainda. E Deus estava prestes a encurralar esse Grande Blasfemador.<sup>5</sup>

O navio demoraria ainda um ano para navegar de volta para a Inglaterra. No trajeto de volta, eles se depararam com uma tempestade tão violenta que o navio começou a afundar. John foi colocado para trabalhar nas bombas e ali labutou das 3 da manhã até o meio-dia, dormiu uma hora e depois assumiu o leme e conduziu o navio até a meia-noite.<sup>6</sup> Muitos homens e suprimentos caíram no mar; as velas e demais equipamentos estavam quebrados e os porões cheios de água; todos achavam que morreriam no mar.

Alguns dos homens pensaram que John era seu Jonas e ameaçaram lança-lo no mar para ver se Deus acalmaria a tempestade, mas o capitão não permitiu. Então, ali no leme, John Newton, pela

primeira vez desde menino, começou a orar. Ele analisou sua vida, seu ódio e blasfêmia contra Deus, os pensamentos de sua mãe e os hinos antigos de Isaac Watts. Ele escreveu: “Decidi ali mesmo e naquela hora que tentaria reformar minha vida. Para começar, deixaria de xingar; passaria a pensar mais na misericórdia do Senhor e resolvi viver melhor.”

É claro, isso não foi sua salvação, mas melhoria pessoal. Mas John começou a ler uma Bíblia que tinha encontrado, além de outras literaturas cristãs. Ele escreveu que não tinha nenhum amigo crente ou pastor temente às Escrituras com quem conversar sobre o Evangelho verdadeiro e a salvação pela fé em Cristo somente. Mas Deus estava trabalhando. O navio sobreviveu à tempestade e atracou próximo ao litoral da Irlanda.

O pai de John supôs que o navio não tinha suportado a tempestade e que John estava morto. Daí, ele recebeu uma carta de seu filho, agradecendo-lhe por ter enviado pessoas à sua procura e informando-lhe de suas mais recentes aventuras. Ele até incluiu nessa longa carta detalhes de seu amor por Mary Carlett e sua resolução de ser um homem melhor. Seu pai ficou felicíssimo. Na verdade, quando John chegou em Londres, descobriu que seu pai até tinha ido à casa de Mary e conversado com os pais por ele.

Enquanto isso, John recebeu outra tarefa num navio negreiro. Ele estava com 23 anos de idade. Foi durante essa jornada—e com mais uma febre que ameaçou ceifar sua vida—que John resolveria o problema de seu pecado, como ele mesmo disse: “Meu pecado que colocou Jesus na cruz,” e confiaria em Cristo para seu perdão. Ele enxergou esse momento como sua conversão genuína a Jesus Cristo.

Dos mais de 300 hinos que John Newton escreveria, um se tornaria seu testemunho pessoal

de salvação durante aqueles momentos turbulentos de sua vida. A letra do hino diz:

*Na maldade por muito me deleitei,  
desinibido por vergonha ou medo;  
Até que um novo objeto me apareceu  
e à minha selvagem jornada pôs fim.*

*Vi Um pregado numa cruz,  
em agonia e sangue,  
O qual fitou os olhos em mim,  
enquanto de sua cruz me aproximava.*

*Certamente, jamais, até meu último fôlego,  
me esquecerei daquele olhar;  
Parecia me atacar com Sua morte,  
apesar de nenhuma palavra proferir.*

*Minha consciência sentiu e encarou a culpa,  
e em desespero me mergulhou;  
Vi os meus pecados que seu sangue derramaram,  
e ajudaram a na cruz pregá-lo.*

*Ah! Não sabia o que fazia,  
mas agora minhas lágrimas são vãs.  
Onde minha alma trêmula esconderei?  
Porque o meu Senhor traspassei.  
Um segundo olhar me deu, o qual disse:  
Tudo livremente perdoou;  
Este sangue é para tua redenção comprar.  
Fiz isto para que tu possas viver.<sup>7</sup>*

Menos de dois anos depois, ele pediu Mary em casamento e ela aceitou. Nessa época, ela tinha 25 anos e ela 19. Quase que imediatamente após o casamento, John recebeu o comando de um navio negreiro e embarcou em duas longas viagens.

Como novo convertido, ele batalhava muito com o comércio de escravos e começou a escrever seus pensamentos de forma detalhada num diário. Esse diário se tornaria o documento mais antigo registrando os pormenores do comércio de

escravos, contendo informação minuciosa a respeito das condições a bordo do navio, as insurreições e os suicídios de escravos.<sup>8</sup> Esse mesmo diário também seria usado posteriormente por um grande amigo seu que em breve conheceria, um homem chamado William Wilberforce, com o qual John posteriormente encorajaria e apoiaria o término do comércio escravagista. Na verdade, registros históricos parecem indicar que o próprio John Newton é quem levou William Wilberforce ao conhecimento de Cristo.<sup>9</sup>

Podemos apenas imaginar a ironia da profissão de John Newton em relação à sua nova fé cristã. Lembre-se de que sua profissão não era ilegal, mas endossada pela igreja, apoiada pelo governo e financiada por praticamente todas as indústrias públicas da época. Que grande ironia pensar que John Newton realizava cultos dominicais no navio! É de se esperar, portanto, que a batalha interior com o sentimento de que sua ocupação estava errada somente se agravou, independente do que diziam a igreja, o Parlamento inglês e a massa em geral.

Um ano depois, ele se tornou comandante de um navio negreiro chamado “O Africano.” A jornada foi um desastre; houve inúmeras insurreições entre os escravos e muitos deles foram ou assassinados ou cometeram suicídio. Vários membros da tripulação abandonaram a empreitada e vários outros tiveram que ser acorrentados. Num momento, John pensou que morreria mais uma vez de uma febre forte. Ele escreveu: “Só quero viver... e, já que minha apostasia perversa do passado é conhecida por centenas, quero viver para mostrar pelo menos a essas mesmas centenas de pessoas como fui transformado para a glória de Deus.”<sup>10</sup> Ele sobreviveu às intempéries dessa viagem. Ainda assim, um ano depois fez outra excursão por interesses escravagistas. A essa altura, John já orava a Deus, pedindo que lhe desse outra profissão.

Quando Newton estava prestes a embarcar noutra viagem, dessa vez saindo de Liverpool, Inglaterra, ele repentina, inesperada e inexplicavelmente sofreu um ataque epilético, algo que nunca tinha acontecido antes e que nunca aconteceu novamente. Mas seu médico advertiu que não deveria mais viajar no mar. Era por algo assim que ansiosamente esperava. Ele enxergou o acontecido como uma intervenção da mão de Deus e imediatamente resignou o cargo. Assim, John Newton pôs fim à sua carreira como comerciante de escravos e nunca mais navegou de novo.

E agora, o que ele fará? Já está com 29 anos. Ele conseguiu um trabalho como topógrafo. No ano seguinte, foi convidado para ouvir um homem pregar, um tal de George Whitefield. Whitefield estava pregando na região ao ar livre, é claro, já que nenhuma igreja lhe cedeu permissão para pregar. E veja bem: nessa ocasião, ele estava pregando às 5 da manhã e 4 mil pessoas compareceram.<sup>11</sup> Newton foi profundamente tocado pela pregação e voltou novamente para ouvir o pregador à tarde. Ele conseguiu até conversar pessoalmente com Whitefield e os dois desenvolveram uma amizade que duraria a vida inteira.

Após esse encontro, John começou a estudar sozinho as doutrinas da graça ensinadas por Whitefield e outros. Ele passou a estudar a Bíblia, bem como grego e hebraico. Pelos próximos 10 anos, ele trabalhou como topógrafo e estudou a Bíblia.

Finalmente, John Newton foi ordenado e deu início a um ministério que duraria 40 anos. Seu primeiro pastorado foi num vilarejo chamado Olney. Após 3 anos no ministério, um poeta chamado William Cowper, que lutava com depressão, se mudou para o vilarejo e passou a frequentar sua congregação. Juntos, os dois iniciaram culto de oração às quintas-feiras e

concordaram que revezariam: cada semana, um escreveria um hino para o culto de oração e o ensinaria à congregação. O hino mais famoso de William Cowper foi “Eis que uma fonte aberta está: o sangue de Jesus.” Durante seu ministério, a igreja ficou tão cheia com cerca de 2 mil pessoas que eles precisaram até adicionar uma galeria. Newton e Cowper acabaram publicando um hinário com seus hinos originais.

Um dos hinos que Newton incluiu no hinário foi baseado em 1 Crônicas 17. O capítulo relata três atos:

1. O primeiro é o rei Davi desejando edificar um templo permanente para a glória de Yahweh.
2. À medida que o capítulo se desenrola, o profeta Natã informa Davi que ele não poderá edificar o templo, mas que Deus prometeu que o filho de Davi, Salomão, o edificará.
3. O último ato do capítulo aparece quando Davi louva a Deus por sua graça—graça sobre sua vida, a vida de sua família e sobre a nação de Israel como um todo.

Acompanhe a leitura de 1 Crônicas 17.16–18:

*Então, entrou o rei Davi na Casa do SENHOR, ficou perante ele e disse: Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui? Foi isso ainda pouco aos teus olhos, ó Deus, de maneira que também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos distantes; e me trataste como se eu fosse homem ilustre, ó SENHOR Deus. Que mais ainda te poderá dizer Davi acerca das honras feitas a teu servo? Pois tu conheces bem teu servo.*

Em outras palavras, “Senhor, tu sabes bem que tipo de homem eu sou; e sabes que tipo de povo nós somos. Mesmo assim, tens realizado maravilhas em nosso meio, pela tua graça.”

Quando o hinário foi publicado, o hino apareceu sob a sessão intitulada: “Revisão e Expectativa da Fé.” Originalmente, ele tinha 6 estrofes: as 3 primeiras traziam a revisão da fé; as 3 últimas as expectativas da fé. A letra do hino é a seguinte:

*Ó graça maravilhosa, que doce o som  
que salvou um depravado como eu.  
Eu era perdido, mas agora fui achado,  
estava cego, mas agora vejo.*

*Foi a graça que ensinou meu coração a temer  
e a graça que meus medos dissipou.  
Quão preciosa me foi essa graça  
quando no início eu cri.*

*Por muitos perigos, labutas e laços  
já tenho passado.  
A graça até aqui me preservou,  
e para o lar no futuro me levará.*

*O Senhor me prometeu o bem,  
sua palavra minha esperança garante.  
Ele minha herança e escudo será,  
enquanto a vida durar.*

*Sim, quando esta carne e coração falharem,  
e a vida mortal cessar;  
herdarei, dentro do véu,  
uma vida de alegria e paz.*

*A terra em breve dissolverá como a neve,  
o sol pouco brilhará.  
Mas Deus que aqui me chamou,  
para sempre meu será.*

Um tempo depois, John Newton foi convidado

para pastorear uma igreja em Londres, onde atuou como pastor por mais de 20 anos.

Num ano no mês de dezembro, Newton recebeu um bilhete de um jovem de 26 anos, membro do Parlamento inglês, pedindo-lhe uma oportunidade para terem “uma conversa séria, mas que deveria ficar em segredo.”<sup>12</sup> O bilhete tinha sido remetido por William Wilberforce, o qual sofria com uma falta de relacionamento com Deus; ele tinha começado a ler a Bíblia sozinho há pouco tempo. Newton testemunhou para Wilberforce e lhe apresentou o Evangelho da graça que olha somente para Cristo em busca de salvação. Posteriormente, Wilberforce escreveria em seu diário: “Solicitei a ajuda de Newton; fui muito impactado pela nossa conversa... e saí dali olhando para Deus.”<sup>13</sup> Uma amizade começou entre um velho mercador de escravos e um jovem reformador que, por fim, erradicaria o comércio escravagista na Inglaterra.

Perto do final de sua vida aos 82 anos de idade,

quando John já estava totalmente cego e incapaz de ler a Bíblia, um amigo lhe sugeriu que deveria parar de pregar. Ele respondeu: “O que? Não posso parar. Por acaso, o velho blasfemador parará enquanto ainda pode falar?” Em um de seus últimos sermões, John Newton resumiu sua vida da seguinte forma: “Duas coisas são claras para mim: primeiro, sou um grande pecador; e segundo, Jesus Cristo é um grande Salvador.”

Depois que morreu, as palavras que ele mesmo tinha pedido foram esculpadas em sua lápide, assim como havia solicitado. Na sua lápide está escrito:

*John Newton, Clerk,  
Outrora um incrédulo e libertino,  
um servo de escravos na África,  
foi, pela rica misericórdia do nosso Senhor e  
Salvador, Jesus Cristo,  
preservado, restaurado, perdoado  
e designado para pregar a fé  
que antes lutara para destruir.<sup>14</sup>*

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 10/11/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> John Dunn, *A Biography of John Newton* (New Creation Teaching Ministry), p. 1.

<sup>2</sup> “Bright Examples: Short Sketches of Christian Life” (Dublin Tract Repository, 18), p. 12.

<sup>3</sup> Dunn, p. 8.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>5</sup> John Piper, *The Roots of Endurance* (Crossway, 2002), p. 47.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 48.

<sup>7</sup> “Bright Examples,” p. 24.

<sup>8</sup> Dunn, p. 16.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 20.

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 29.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> “Bright Examples,” p. 50.